

Brasília

20 anos depois

Tentativa de explicação da nova Capital do Brasil
no ano de 1980

WILHELMUS GODEFRIDUS HERMANS

Bolsista do CNPq e professor de Sociologia Geral no Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB)

BRASÍLIA COMO ESPAÇO SOCIAL

Um estudo ecossociológico da nova Capital do Brasil

Após dois estudos introdutórios sobre Brasília, realizados no Instituto de Sociologia da Universidade Católica de Nijmegen, na Holanda, no período de setembro de 1979 a fevereiro de 1980, surge com maior ênfase a pergunta: como captar, do melhor modo possível, a realidade ecossociológica de Brasília de 1980?

O termo "ecossociologia" sugere que pretendemos estudar Brasília:

- 1) como *oikos*, palavra grega que significa: espaço habitado e criado pelo homem, moradia ou povoação (4);
- 2) de perspectiva sociológica, isto é, baseado exclusivamente nas técnicas e métodos sociológicos (22).

As teorias urbanas são inúmeras, mas finalmente foi feita uma escolha, de certo modo subjetiva mas necessária, para poder partir para uma operacionalização útil. Pesquisar Brasília como espaço social, usando um ponto de vista holístico e macroscópico, satisfaz melhor a nossa finalidade, como mostrará a seqüência dos argumentos. Este método de

trabalho acompanha de perto a visão morfológica e sócio-ecológica do Departamento de Sociologia Urbana e Rural da Universidade de Nijmegen.

O nosso assunto será dividido em 4 partes:

I — Por que estudar Brasília como espaço social? Razão deste método e comparação com outras pesquisas sociológicas nesta área.

II — O que significa que Brasília é um espaço social? O conteúdo deste conceito de ponto de vista geográfico, histórico, econômico, sócio-cultural e político.

III — Como Brasília deve ser pesquisada como espaço social? Método de pesquisa e comparação com outros métodos já usados.

IV — Avaliação de Brasília como espaço social depois de uma evolução de 20 anos. Perguntas e sugestões.

Neste estudo procuramos seguir propositalmente o esquema: análise-diagnóstico-terapia, portanto, um estudo que leva à ação, a soluções práticas. Na linha de EKISTICS (4) o assunto será desenvolvido de um modo descritivo e prescritivo. No sentido da agologia (do grego: *agogos* = aquele que conduz), a sociologia atual deve procurar uma mudança planejada para um fim desejado. Não somente o conhecer, mas também o agir, torna-se sempre mais importante, mormente num país como o nosso. Em resumo pode-se dizer que as partes I e II formarão a análise do assunto, a parte III seria o diagnóstico, e a parte IV tentaria uma certa terapia.

I — *Por que pesquisar Brasília como espaço social?*

Brasília foi sonhada e construída como um símbolo de conquista do espaço do Planalto Central, até então desconhecido e esquecido. É eminentemente um espaço social, isto é, um espaço físico e natural que foi transformado pela mão do homem. CASTELLS, no seu livro *A Questão Urbana* (3), desenvolve muito esta idéia do espaço criado.

“Considerar uma cidade como uma projeção da sociedade no espaço é um ponto de partida indispensável como também uma aproximação elementar.” Do seu ponto de vista de materialismo histórico, “espaço significa um produto material, assim como outros elementos materiais, como, por exemplo, os seres humanos, que por sua vez se relacionam socialmente, de tal modo que dão ao espaço uma forma, uma função e um significado sociais” (3). Mesmo não concordando com os princípios teóricos de CASTELLS, fica evidente que o espaço só ganha sentido e significado pelo homem e pela sociedade se se torna verdadeiramente social pela influência do ser humano. Por que, então, estudar Brasília, de preferência, como espaço social, e não como resultado da economia de dependência de A. GUNDER FRANK, como fez DAVID EPSTEIN em 1973 no seu livro *Brasília, Plan and Reality?* (11).

Uma série de razões, algumas de caráter pessoal, outras de caráter metodológico, nos levaram a esta opção.

1ª — Desde o início o interesse se inclinava para uma explicação baseada na ecologia social, que considera o espaço físico e social como fundamental para a compreensão da sociedade.

2ª — Dois estudos anteriores mostraram que Brasília, como nova capital, só pode ser explicada satisfatoriamente se colocada no contexto espacial do Distrito Federal como um todo, portanto os espaços do Plano Piloto e cidades-satélites juntos.

3ª — Os fundadores de Brasília consideravam a cidade a ser fundada como um ato simbólico de conquista de um espaço, que seria uma afirmação de independência contra um passado de dependência e alienação.

4ª — Esta pesquisa quer descobrir se este ato de conquista, de grande importância para um país da dimensão do Brasil, foi um sucesso ou um fracasso.

5ª — Outras teorias espaciais funcionaram como inspiração e abriram horizontes, que podem contribuir para compreender melhor a realidade de Brasília em 1980.

Em seguida serão tratadas algumas destas teorias que procuram construir uma sociologia do espaço ou ecossociologia.

a) *David Harvey e Manuel Castells (2 e 3)*

HARVEY afirma: "Cities are (...) created out of the mobilization, extraction and geographic concentration of significant quantities of the socially designated surplus product" (2, *pág.* 238). Se a cidade é o resultado de uma concentração de uma grande quantidade de produtos excedentes destinados à sociedade toda, o espaço da mesma deve ser considerado um processo e produto social. "Spatial forms are there not seen as inanimate objects within which the social processes unfold, but as things which contain social processes in the same manner that social processes are spatial" (2).

CASTELLS continua este mesmo raciocínio quando fala em "sociology of space". A teoria toda não pode ser explicada aqui, mas somente algumas idéias. "A sociology of space can only be an analysis of social practises given in a certain space and therefore in a historical conjuncture (...) From the social point of view, therefore, there is no space (a physical quantity, yet an abstract entity *qua* practice), but an historically defined *space-time*, a space constructed, worked, practised by social relations. Does it not, in turn, have an effect on the said social relations? Is there not a spatial determination of the social? Yes, but not *qua* space — rather as a certain efficacy of the social activity expressed

in a certain spatial form" (*The Urban Question*, pág. 442) (3). Uma das conclusões desta sociologia do espaço de CASTELLS é a função social do espaço urbano, onde P = produção, C = consumo, E = troca (exchange) e A = administração dos três primeiros devem ter uma função em benefício de todos dentro da cidade. A cidade é um produto social, um produto do homem para o homem. "The city made by people and for the people."

b) *Brian J. L. Berry e B. T. Robson (8 e 6)*

Divergindo do modelo de LOUIS WIRTH, BERRY chega à conclusão que os anos setenta mostram uma imagem diferente de urbanização por causa das mudanças tecnológicas, culturais, sociais e políticas. Modelos de organização urbana são temporários e mutáveis no tempo e no espaço. O progresso de após-guerra em transporte urbano e o surgimento da indústria solta (footloose industry) deslocaram, por exemplo, o raio de interação diária muito além das fronteiras tradicionais urbanas e metropolitanas. Ao mesmo tempo as comunidades locais (vizinhanças, bairros) conservaram sua forte coesão interna e mostraram muitas vezes uma estabilidade surpreendente no ambiente urbano mutável. Em contraste com WIRTH, a urbanização não trouxe a substituição de contratos primários por secundários, nem ficaram atrofiados os laços de consangüinidade. O significado social da vizinhança ficou bastante forte. O controle de cima, do governo, se tornou mais acentuado, mas até agora não foi tão bem sucedido nem nos países do terceiro mundo, onde muitas vezes fatores ideológicos e políticos entram em conflito com coerções estruturais e pressões humanas. Conforme BERRY, será necessário construir uma teoria de urbanização que leva em conta as duas forças opostas: de um lado, a mobilidade e mudança dentro da cidade e, de outro lado, a estabilidade e resistência à mudança, que existe na mesma cidade (8).

B. T. ROBSON, no seu livro *Urban Analysis*, usa uma combinação de geografia e sociologia para pesquisar o fenômeno urbano. O espaço é um dado muito importante nesta análise porque a distribuição espacial deve ser vista como um mecanismo que tanto reflete como perpetua uma estrutura social. "As Beshers has shown in a stimulating study of urban social structure, the viewpoints of human ecology and functional sociology can be blended to produce a methodological framework for an over-all view of the organization of urban social systems. Spatial distributions can be viewed as a mechanism which at once reflects and perpetuates social structure. It is the later purpose of the present study to show how such interconnections between spatial distributions, social structure and social attitudes can be exploited to aid understanding of urban life" (6, pág. 38). ROBSON afirma que a técnica de SHEVKY, a chamada "Social Area Analysis", baseada nos três componentes classe social, urbanização e segregação, tem graves limitações que não são inerentes à análise multivariável (multivariate analysis) aplicada no inquérito de Sunderland. Destes dois autores podem ser aproveitadas tanto a ênfase de BERRY sobre a importância da vizinhança e dos contatos primários, como também a análise multivariável de ROBSON (6).

c) *John Friedmann e Robert Wulff (7)*

O pequeno livro de FRIEDMANN e WULFF *The Urban Transition. Comparative Studies of Newly Industrializing Societies*, como resumo de várias teorias sobre urbanização no terceiro mundo, foi bastante esclarecedor. Os autores partem de um enfoque espacial na teoria de centro-periferia. "At whatever scale of analysis — international, national or regional — *core and periphery* stand, by definition, in an asymmetrical relationship of dominance/dependency that is articulated through four major *spatial processes*: decision-making and control, capital flows, innovation diffusion and migration. Corresponding to each of these processes are *spatial patterns*: the spatial distribution of power, systems of activity location, modernization surfaces, and settlement patterns. Urbanization is thus perceived as a complex of spatial processes and their associated patterns, although the *spatial relations of power* (decision-making and control) are identified as the critical process to which all the others are ultimately related" (7). Os processos sociais de decisão e controle, de fluxo de capital, de difusão de inovação e de migração, que caracterizam a cidade moderna, se realizam conforme padrões correspondentes, que se expressam no espaço físico e social da cidade. A capacidade humana transforma o espaço e se manifesta no espaço urbano, imprimindo-lhe padrões de comportamento.

d) *Jürgen Friedrichs (23)*

JÜRGEN FRIEDRICHS desenvolve, no seu livro *Stadtanalyse. Soziale und räumliche Organisation der Gesellschaft*, uma análise penetrante e profunda dos resultados da pesquisa sociológica urbana atual. Partindo das teorias da ecologia social, ele desenvolve uma teoria diferente da organização social e espacial da sociedade. A tese central explica que a desigualdade social leva a uma desigualdade espacial. As conseqüências dessa dupla desigualdade no relacionamento entre os habitantes da cidade são por ele pesquisadas quanto à segregação de moradia, aos diversos espaços de emprego e produtividade e aos contatos sociais. Além disso são feitas várias propostas de pesquisa em outros campos da realidade urbana atual. Mais adiante teremos a oportunidade de falar mais destas teses (23).

e) *EKISTICS e a visão morfológica da Sociologia Urbana e Rural de Nijmegen (1, 4 e 16)*

EKISTICS é uma teoria espacial baseada no estudo do povoamento humano. Seguindo um esquema rígido de princípios e métodos, EKISTICS parece mais uma nova disciplina (4). A aproximação interdisciplinar tem certas vantagens, porque consegue aproveitar as contribuições de várias ciências na compreensão do fenômeno complexo da metrópole moderna. Todo tipo de povoamento humano é classificado conforme 5 elementos:

- 1 — a natureza (*nature*);
- 2 — o homem (*man*);

- 3 — a sociedade (society);
- 4 — moradia (shells);
- 5 — redes de intercâmbio (networks).

Estes elementos se encontram em toda povoação humana. A função de cada elemento, ou melhor, seu funcionamento, explica a estrutura e dinâmica de toda cidade. Além disso, escreve DOXIADIS, esta nova disciplina pretende ser não somente descritiva mas também prescritiva, isto é, quer conduzir à ação efetiva e trazer soluções viáveis à problemática da metrópole moderna (4). Interessa-nos aqui o método de pesquisa e o esquema prescritivo deste sistema.

A metodologia morfológica do Departamento de Sociologia Urbana e Rural (URS) de Nijmegen se manifesta no Pro-Seminar em nível de pós-graduação, a que tivemos a oportunidade de assistir no período de 1979/1980 e nas publicações de seus professores (1, 12 e 16). "O aspecto morfológico corresponde bastante ao geográfico. Trata-se dos aspectos materiais de uma comunidade em base local. Os aspectos materiais podem ser subdivididos, conforme a idéia do complexo ecológico de DUNCAN, por exemplo. O primeiro aspecto é a população no sentido demográfico. O segundo é o ambiente natural ou o lugar onde uma população se estabelece. O terceiro aspecto está muito ligado ao equilíbrio artificial, causado pela tecnologia e os artefatos resultantes. E o quarto aspecto seria a organização, que significa a estrutura social desta sociedade."

Nesta pesquisa seguiremos também esta linha, procurando combinar aspectos morfológicos com situações espaciais ou geográficas, como já foi dito no começo deste trabalho, quando falamos em método macrocópico.

II — Brasília — espaço social

Parece-nos que o conceito de espaço social fica devidamente esclarecido, se pode ser demonstrado que Brasília tornou-se, nestes vinte anos, um verdadeiro espaço de integração geográfica, econômica, social e política no Planalto Central do Brasil. Como em muitos países da América do Sul também este espaço imenso aguardava o impulso modernizador para acompanhar o desenvolvimento das zonas costeiras. A idéia da abertura da região central do Brasil era antiga — veja-se, por exemplo, a história de Brasília —, mas a política colonizadora de Portugal, aliada à falta de conhecimentos e meios técnicos modernos, impediu durante séculos este avanço para o interior, que ficou praticamente esquecido e desconhecido até os anos 40 ou 50 deste século. Os fundadores de Brasília conheciam todos os obstáculos à interiorização do progresso. Mesmo assim conseguiram colocar no centro das atenções a conquista do Planalto Central. Escreve LUIS SANCHEZ em *Urban Explosion in Latin America*: "Brasília, como cidade, não surgiu de uma necessidade econômica ou de uma coincidência natural de circunstâncias, porém

Brasília é realmente uma cidade antes de tudo criada pelo homem e não pela pressão do ambiente” (5).

Brasília, como nova capital, só pode ser entendida como um símbolo de conquista de um espaço, como afirmação de uma identidade e como libertação de um passado colonial e dependente. Que a cidade, apesar disso, seguiu o padrão das outras cidades brasileiras é um tributo a séculos de urbanização do Brasil.

a) *Integração geográfica*

Brasília foi de propósito construída no centro, no coração do Brasil, na região do cerrado, até então uma região bastante desconhecida e esquecida. O cerrado é a principal formação da flora do Distrito Federal. Apresenta-se como campos com árvores esparsas, relativamente baixas e tortuosas, formando por vezes um tipo de mato ralo e aberto, com mistura de tipos arbóreos e herbáceos. Esta região foi extensivamente usada para criação de gado, porque sempre considerada pouco adequada para agricultura intensiva por causa do solo pobre e acidentado. Na região em foco estima-se que a área de ocorrência dos cerrados seja de 1.500 km². Para todo o território nacional avalia-se em cerca de 2.000.000 km². É uma formação intermédia entre a floresta tropical semi-úmida e outras formações vegetais menos evoluídas e mais abertas. Nesta região pouco povoada e de grandes fazendas, o Distrito Federal com a nova Capital seria, conforme os planejadores, o espaço geográfico central de integração, neste cerrado imenso, e uma encruzilhada de todas as estradas do norte ao sul e do leste ao oeste. O mapa rodoviário atual do Brasil mostra como agora as estradas irradiam de Brasília para todos os cantos do Brasil. O interior central foi de fato aberto, mas causou ao mesmo tempo uma onda de migração que até agora não estancou e trouxe sérias dificuldades para a nova Capital.

A integração geográfica de uma nação, afirma GINO GERMANI, pode ser definida como “uma modernização bem distribuída e equilibrada de todas as regiões, como também a igual e proporcional participação na vida econômica, cultural e política da nação” (5).

As cidades sempre foram centros de cultura, de renovação, de esplendor e de integração, dizem os historiadores. A urbanização sempre foi considerada como um avanço. Será que pode ser dito o mesmo da urbanização da América do Sul e de Brasília em particular? As opiniões divergem bastante. A maioria dos analistas, conforme GINO GERMANI, consideram a concentração urbana na América Latina uma consequência da política colonial espanhola e portuguesa e uma imposição da economia de dependência. EPSTEIN, no seu livro sobre Brasília (11), explica a nova Capital como resultado desta dependência. Esta urbanização seria, portanto, desfavorável e nociva para o desenvolvimento e a integração nacional. Convém lembrar aqui a diferença fundamental entre a origem das cidades no continente europeu e nos Estados Unidos, de um lado, e na América Latina, de outro lado. Nestas terras, os centros

urbanos foram impostos pelos poderes coloniais, que os consideravam como centros de controle das grandes regiões interioranas e como verdadeiros empórios das riquezas encontradas e tiradas da redondeza. A cidade principal e dominante (primate city) tornou-se assim um centro de riqueza, cultura e economia às custas dos arredores, que empobreciam constantemente. Matéria-prima e recursos humanos se concentravam, desigualmente, nas cidades em prejuízo das grandes regiões do interior. Uma das conseqüências mais desastrosas foi a enorme migração rural-urbana. "The upsurge of the great rural-urban migration has also created new problems, insofar as it was not originated by growth or industrial demand, but by push factors from the countryside. The creation of a "pseudo-tertiary" is an expression of the transfer of unemployment and underemployment from the rural areas to the cities" (*Urban Explosion in L. A.*, pág. 176).

Outros autores não compartilham esta visão pessimista. A função positiva da cidade, como centro dinâmico de cultura, educação e renovação técnica e social, compensaria os custos e sacrifícios econômicos e sociais da "superurbanização". A cidade seria o grande impulsor do desenvolvimento econômico e industrial.

Ambas as opiniões são aplicáveis à urbanização no Brasil. No caso de Brasília, esta pesquisa tentará mostrar a função tanto positiva como negativa dessa Capital. De um lado, Brasília trouxe mais integração para esta região, como também acentuada modernização. De outro lado, o fluxo migratório descontrolado ameaça desintegrar as cidades-satélites e, como reflexo, o próprio Plano Piloto, formando uma verdadeira coroa de espinhos em redor da nova Capital.

b) *Integração histórica*

Será que Brasília é algo completamente fora do contexto histórico do Brasil? Nem tanto. Idéia longamente nutrida durante séculos — veja-se a história de Brasília —, foi necessária uma cruzada de KUBITSCHKE e uma perseverança incrível para executá-la. O povo brasileiro considera, na sua maioria esmagadora, o fato da construção de Brasília como um dos maiores acontecimentos de sua história recente, haja vista o lugar de herói que JUSCELINO KUBITSCHKE ocupa não só em Brasília. De outro lado, a execução de Brasília, apesar de ser planejada como algo totalmente diferente, sucumbiu a um traço histórico de toda a urbanização da América do Sul. Como diz MORSE, estudioso da América Latina, "more than other Western regions, Latin America seems to be a "captive of its history". Not only has the city not grown out of the economic needs or in relation to the socio-economic development of its surrounding area; it has until very recently been totally divorced from the national reality. The modern Latin American city is less "an urban society in change" (that is, concerned with revolution, self-transcendence, obliteration of the past) than a society in which the trappings of Western industrial civilization are being fitted onto a traditional way of life" (5). Cativeira de sua história, Brasília sofre, também, as mesmas tendências das grandes metrópoles brasileiras: nas cidades-satélites

um desenvolvimento desordenado, migração desmedida, mercado de trabalho difícil e ameaça de bastante desemprego por falta de industrialização ou outras opções de trabalho produtivo. Planejada para ser diferente de todas as outras cidades brasileiras, veremos nas partes III e IV como Brasília tenta resolver os problemas de seu crescimento.

c) *Integração econômica*

Uma vez que Brasília se firmou como centro urbano de crescimento explosivo — de 1968 a 1978, a população do DF cresceu de 350.000 para 1.000.000 de habitantes —, era de um certo modo natural que a nova Capital teria de cumprir uma série de funções econômicas regionais e nacionais. Os setores de consumo, comercial e bancário, cresceram, além do administrativo, num ritmo intenso. Este aspecto econômico não preocupou muito os construtores de Brasília, porque não deram muita atenção a uma boa infra-estrutura econômica. Razão por que Brasília demora em afirmar-se como espaço de integração econômica para a região central do Brasil.

O caso de Brasília nos leva à pergunta muitas vezes repetida, também, nas teorias sociológicas: “A urbanização moderna é viável sem um certo grau de industrialização?”

No passado como no presente surgiram cidades sem uma infra-estrutura industrial. A América Latina é um exemplo disso. A urbanização ocidental dos últimos cem anos, porém, mostra uma forte ligação entre industrialização e crescimento urbano. A densidade populacional e o fluxo migratório parecem exigir uma certa concentração industrial. Não é consequência exclusiva do capitalismo, como afirmam autores socialistas, porque este fato existe tanto nos países capitalistas como nos socialistas.

MANUEL CASTELLS tenta uma análise incisiva, quando procura uma resposta para o desenvolvimento e dependência no processo urbano da América Latina (3, págs. 49-63).

“A urbanização na América Latina apresenta tanto semelhanças como enormes diferenças com o resto do terceiro mundo. As formas pré-coloniais foram praticamente destruídas pela penetração espanhola e portuguesa. Surgiu, portanto, uma sociedade completamente dependente. A urbanização como processo social só pode ser compreendida neste esquema histórico.

Tomando como critério de urbanização o limite de 100.000 habitantes, a taxa de urbanização da América Latina em 1960 (27,4%) é praticamente igual àquela da Europa (29,6%), e a taxa de “metropolitanização” (população acima de um milhão) é mais alta (14,7% para a América Latina contra 12,5% para a Europa). A razão desta “explosão urbana” não é somente o crescimento demográfico mas também a migração em massa do campo para a cidade. Apesar do crescimento da população urbana na América Latina como um todo, de 29,5% em 1925 para

46,1% em 1960 (e por certo maior ainda em 1980), a porcentagem da população ativa empregada em trabalho industrial ficou praticamente estável: de 13,7% em 1925 para 13,4% em 1960 (Cardoso, 1968-74).

O que é certo e essencial em tudo isso é que o impacto da industrialização na formação urbana não acontece por meio de um aumento de emprego no setor industrial e, conseqüentemente, o conteúdo social desta urbanização se torna muito diferente daquele de países capitalistas avançados. A mudança na estrutura do mercado de empregos é na América Latina muito menos determinada pelo processo de industrialização do que pela integração da parte da população rural no setor terciário ou setor de serviços. O que é mais grave ainda, dentro do item serviços, se esconde muito desemprego disfarçado. O setor de serviços cresceu demasiadamente, sendo igual àquele dos Estados Unidos e maior do que na Europa, com esta diferença que na América Latina se esconde no setor serviços uma massa de improdutivos e não qualificados. A falta de emprego cria as favelas e cidades-satélites, que de forma nenhuma devem ser consideradas como marginalizadas ou socialmente desorganizadas, mas mesmo assim improdutivas e um peso para a economia."

"Latin American urbanization is characterized by the following features: an urban population unrelated to the productive level of the system (peso morto de grandes partes da população urbana para o sistema produtivo); an absence of a direct relation between industrial employment and urbanization, but a link between industrial production and urban growth; a strong imbalance in the urban network in favour of one predominating urban area; increasing acceleration of the process of urbanization; a lack of jobs and services for the new urban masses and, consequently, a reinforcement of the ecological segregation of the social classes and a polarization of the system of stratification as far as consumption is concerned" (3, *pág.* 57).

Qual seria, conforme CASTELLS, a solução para estes problemas urbanos, que também se apresentam em Brasília? Industrialização mágica? Parcialmente poderia ajudar na melhoria da situação urbana na América Latina. Mas o fator decisivo parece ser a migração rural-urbana, que deve ser estancada, diante de uma reforma completa no campo, isto é, parar a desorganização no campo. A sociedade rural está em crise, não por difusão dos valores urbanos, mas pela própria estrutura social no campo. Termina CASTELLS:

"Urbanization in Latin America is not the expression of a process of "modernization", but the manifestation, at the level of socio-spatial relations, of the accentuation of the social contradictions inherent in its mode of development — a develop-

ment determined by a specific dependence within the monopolistic capitalist system" (3, *pág.* 63).

Mesmo se o sistema capitalista não contribuiu diretamente nos problemas de Brasília, já que a cidade surgiu de origens totalmente diversas, os efeitos da urbanização se apresentam do mesmo modo e pedem uma solução urgente.

d) *A integração sócio-cultural*

No pensamento dos fundadores, Brasília seria uma nova sociedade e um lugar de fusão (*melting pot*) de todas as culturas regionais do Brasil. Sonho utópico? Absolutamente. As cidades sempre foram lugares de integração, de cultura avançada, de esplendor e de renovação, tanto no passado como no presente. "Under certain conditions the city may be considered an integrating mechanism for the rise of a modern, well-developed national society" (Gino Germani, 5). O que significa esta integração social e cultural? Por certo "a integração dos indivíduos e grupos sociais nas conquistas da sociedade atual ou, mais exatamente, uma participação de todos nos avanços econômicos, sociais, culturais e políticos do tempo atual", geralmente considerados como importantes para todo tipo de sociedade. Até que ponto Brasília realizou esta integração em nível social e cultural? Nas partes III e IV será examinado, com mais detalhes, este grau de integração. Em termos genéricos se manifesta a mesma tendência já observada por muitos autores (5) a respeito da urbanização, não só na América Latina, como nas outras partes do mundo, até em Amsterdã. Chama-se este fenômeno "the two-class society", a sociedade de duas classes, onde a classe média, se fortalecendo sempre mais no *welfare state*, se inclina e se alinha com a classe alta e vai assim formando uma camada superior que se separa nitidamente da classe inferior: os operários, os semiqualeificados e não qualificados. Este sistema de duas classes funciona tanto nos países de economia chamada capitalista como no bloco socialista, onde o partido forma a classe superior.

A classe inferior se acumula, de preferência, nas margens das cidades ou nas partes menos valorizadas. Assim forma-se o que se chama "glass-curtain effect". Tudo pode ser visto, mas não há participação efetiva a não ser pelo grupo de dentro por causa da cortina de vidro. Esta linha divisória se acentua mais nos países do terceiro mundo e especialmente nas cidades, onde o migrante, expulso do seu ambiente rural, tenta conquistar uma nova vida por intermédio de parentes e amigos, mas encontra muitos obstáculos na conexão com as estruturas urbanas e nos mecanismos de integração. Brasília está em vias de acumular estes mesmos problemas de metrópole em rápido crescimento. Vê-se depois de 20 anos um Plano Piloto bastante integrado, mas 8 cidades-satélites que lutam para conseguir um certo grau de integração sócio-cultural.

Além dos mecanismos econômicos, existem, de fato, outros meios de integração e mobilidade social, como, por exemplo, nível de instrução, cooperativismo, desenvolvimento de comunidades locais.

Quanto à distribuição de renda (veja-se tabela de renda no Plano Piloto e satélites de 1976), Brasília segue o padrão de muitas outras cidades brasileiras. Quanto ao mercado de trabalho, as dificuldades aumentarão quando a indústria da construção diminuir o ritmo. Todos estes dados serão comparados no fim do estudo, baseado nos Anuários Estatísticos do DF.

Quanto ao nível de instrução (ensino e educação), Brasília ocupa um lugar bastante bom no conjunto nacional. Muitas são as possibilidades de estudar na nova Capital. Examinaremos este assunto mais adiante, quando teremos a oportunidade de medir o grau de integração da população do DF.

A idéia de cooperativismo e cooperativas não é estranha à organização de Brasília. Uma das cooperativas mais em evidência é a SHIS, Sociedade de Habitações de Interesse Social, que construiu enormes conjuntos de casas populares, e solucionou, de um certo modo, o problema da moradia do DF, principalmente nas cidades-satélites. Nas partes III e IV teremos mais oportunidade de voltar a este assunto.

Em Brasília existe uma oportunidade muito grande de se aproveitar das comunidades locais de vizinhança, porque tanto o Plano Piloto como as cidades-satélites são divididos em quadras e lotes, ou em conjuntos de apartamentos ou de casas, tanto definitivas como provisórias. O sistema de quadras ou lotes não foi, ao nosso ver, suficientemente estudado e planejado, porque poderia servir para dar aos seus habitantes maior autonomia de organizar melhor suas quadras, como já está sendo experimentado no Plano Piloto com algumas quadras, que escolhem seus prefeitos. Seria uma ótima chance de delegação de poderes ou de descentralização, e uma excelente oportunidade de iniciativa própria e estímulo à criatividade e responsabilidade, tão necessária nas cidades modernas, que se tornam ingovernáveis por causa da falta de participação de seus cidadãos. Maior participação levaria, indubitavelmente, a maior integração. Na avaliação de Brasília como espaço social, voltaremos a este assunto.

e) *A integração política*

Desde o início Brasília foi planejada e preparada para ser o principal centro administrativo e político do País. A nova Capital seria o novo espaço político do País. Durante muitos anos criticada como "o isolamento do poder central", situada num planalto de difícil acesso, longe da labuta cotidiana dos brasileiros, Brasília começou nestes últimos dez anos seu papel integrador no continente brasileiro. Era moda fazer de Brasília um passeio semanal, para no fim da semana voltar para o lar. A idéia de que Brasília era uma cidade boa para se trabalhar, mas não para se viver, desapareceu.

Como explicar o fenômeno do crescimento rápido de Brasília como também seu papel político dentro do Brasil atual? Existem muitas teorias a respeito da urbanização no terceiro mundo, como já foi ressaltado nas

páginas anteriores. CASTELLS apela para uma explicação baseada no materialismo histórico de MARX; EPSTEIN se vale da teoria de dependência de GUNDER FRANK, e HOROWITZ usa como termo de referência a urbanização atual dos Estados Unidos e da Europa. Usando estas teorias, o papel político e administrativo de Brasília pode ser explicado? Ou será que devemos levar em conta outros princípios próprios à realidade sul-americana?

Desde os tempos coloniais, e muitas vezes por causa disso, a vida política e administrativa da América do Sul foi muito diferente das da Europa e América do Norte. Receamos que a aplicação do dualismo marxismo-capitalismo e imperialismo-dependência não explique satisfatoriamente a realidade brasileira ou o fenômeno Brasília.

Que Brasília tornou-se de fato e de direito o centro político e administrativo do País está à vista. Que a idéia da nova Capital integrou-se no pensamento brasileiro é um fato. Aliás o centralismo dos últimos 15 anos ajudou bastante para confirmar Brasília como ponto de convergência política e administrativa. Ao nosso ver nem marxismo ou capitalismo, nem imperialismo ou dependência explicam este fato, mas sim a afirmação de uma própria identidade, a procura de um próprio e peculiar caminho de desenvolvimento, execução de um plano preestabelecido independente de uma ideologia rígida.

Como nas outras cidades do Brasil, existe em Brasília um conhecimento político, uma consciência política bem maior do que na zona rural em redor. Em todas as cidades se formou uma "consciência de classe" muito mais acentuada do que no campo, onde se pode falar em "consciência de massa". Apesar de os habitantes de Brasília não terem direito a voto, a proximidade do poder central garante uma comunicação constante em nível político.

Conclusões a respeito do item II

Após um primeiro esboço de Brasília como espaço de integração geográfica, histórica, econômica, sócio-cultural e política, não escapamos à impressão de que, na procura de uma teoria, de um paradigma de explicação, nem a teoria da produtividade e reprodução do materialismo histórico, nem a teoria de dependência satisfazem plenamente. A urbanização moderna, como existe nos países industrializados, não fica devidamente esclarecida colocando o capitalismo como único responsável pelo impasse e pelos problemas urbanos (CASTELLS, HARVEY e EPSTEIN, 2, 3 e 11).

Parece-nos uma simplificação da crise urbana atual. No livro sobre JURGEN HABERMAS, recentemente publicado na Holanda, sob o título *Trabalho e Interação*, os dois autores MICHIEL KORTHALS e HARRY KUNNEMAN explicam que HABERMAS chega à conclusão de que a teoria marxista de trabalho e produtividade é inadequada para compreender a proporcionalidade do poder e distribuição de forças na sociedade atual. Ele propõe manusear uma teoria mais abrangente, na

qual, ao lado do "trabalho", também a "interação" seja considerada como fundamental. Por "trabalho ou ação racional-intencional" (Zweckrational) ele entende a forma de agir, pela qual o ser humano domina e transforma a natureza não humana. Por "interação ou ação de comunicação" ele compreende a forma de agir baseada em normas percebidas e reconhecidas por duas ou mais pessoas. Para esta interação é necessária ação em nível humano. Interação diz respeito ao relacionamento entre seres humanos, regulamentado por normas e expectativas de múltipla espécie. Neste relacionamento podem surgir bloqueios, desigualdade de poder etc., que não podem ser explicados pelo processo produtivo e nem resolvidos pela modificação de relações de trabalho. A sociedade urbana não deve ser considerada como sendo exclusivamente um processo de produção capitalista, mas também como processo de constante interação entre os seus habitantes, entre o meio ambiente e entre normas e expectativas que existem na "urbs" (14).

Brasília é um resultado desta interação entre um centro de poder central e uma periferia, que se estende sempre mais longe. Os efeitos "centro-periferia", teoria muito usada na sociologia urbana, existem e funcionam também em Brasília. Todas as cidades grandes no Brasil têm esta influência em menor ou maior grau. Quanto mais desenvolvido o centro e quanto mais moderno, tanto maior sua influência. Seria possível dividir e classificar as várias regiões do Brasil conforme os grandes centros urbanos, por exemplo, a região de São Paulo ou Grande São Paulo, a região do Rio ou Grande Rio. Poderia ser chamado o efeito de radiação. Os efeitos de atração e de radiação são proporcionais: quanto mais radiação tanto maior a atração, e quanto maior a atração tanto maior a radiação.

Neste ponto as grandes cidades da América do Sul diferem, ao nosso ver, bastante das grandes cidades na Europa e nos Estados Unidos. Muitos autores apresentam o que DARCY RIBEIRO chama de "euro-centrismo" na explicação da América Latina. Escreve DARCY RIBEIRO em *Os Brasileiros: 1. Teoria do Brasil* (13):

"As teorias modernas de alto alcance histórico, fundadas nos esquemas marxistas clássicos, especialmente nos textos de ENGELS, embora se prestem para descrever a progressão das sociedades européias — de cuja história foram inferidas —, não se aplicam, senão de modo forçado, a outros contextos... Para este esforço é que procuramos contribuir num estudo — *O Processo Civilizatório* (1968) — dedicado a tratar o tema, de uma perspectiva extra-européia. Partimos do pressuposto de que a evolução sócio-cultural pode ser reconstituída conceitualmente à base de sucessivas revoluções tecnológicas geradoras de múltiplos processos civilizatórios que deram nascimento a diversas formações econômico-sociais ou sócio-culturais. Nesse contexto, as revoluções tecnológicas consistem em transformações prodigiosas nos modos de produção e na tecnologia militar, as quais, uma vez amadurecidas, geram antagonismos com as formas anteriores de associação e com os corpos ideológicos

preexistentes, provocando mudanças sociais e culturais tendentes a refazer os modos de pensar, de ser e de agir das sociedades por eles afetadas.

Os processos civilizatórios desencadeados pelas revoluções tecnológicas, operando por diversas vias, provocam o surgimento de focos dinâmicos correspondentes a povos ativados pelo domínio da nova tecnologia. Estes focos, difundindo-se sobre áreas contíguas ou longínquas, constroem, através da dominação de outros povos, constelações macroétnicas estruturadas na forma de impérios, aglutinados com maior ou menor rigidez. Todos os povos envolvidos nesses movimentos se transfiguram. Transfiguram-se, porém, de duas formas distintas, segundo experimentem movimentos acelerativos de autoconstrução que os modelam como povos autônomos que existem para si mesmos ou movimentos reflexos de *atualização* e *incorporação* histórica que plasmam povos dependentes, objeto de domínio e exploração dos primeiros" (13, págs. 32 e 33).

A urbanização no Brasil colonial pode ser encaixada neste esquema. Liberta do papel colonial e confrontada com a revolução tecnológica urbano-industrial, a cidade brasileira se torna um foco de mudança e modernização de dinâmica própria, que aos poucos vai dominando as regiões próximas e longínquas. Estas, por sua vez, ou chegam a um desenvolvimento autônomo ou resvalam para uma dependência de exploração. O mapa do Brasil mostra claramente as regiões metropolitanas com estas características e se expandindo rapidamente. E é nestas regiões que a população do Brasil, especialmente do campo, se acumula e quer viver, porque aí a modernização se manifesta com maior intensidade. Toda cidade grande do Brasil cria assim seu anel de satélites, sujeitos a um fluxo migratório intenso e descontrolável. Este desenvolvimento torna a urbanização do Brasil bem diferente da da Europa e América do Norte.

O espaço social da cidade brasileira se torna assim muito mais importante, porque, queira ou não, é aí que se realiza a maior evolução econômico-social do Brasil. O uso ou abuso deste espaço terá conseqüências profundas em toda região, para não dizer no País todo.

Brasília, 20 anos depois, é um tal centro dinâmico no Planalto Central. O bom uso ou o abuso do espaço de Brasília e das cidades-satélites, já existentes, terá profundas conseqüências na integração da região central.

III — Método de Pesquisa. Comparação com outros métodos

Uma visão holística ou macroscópica, como defendida nas páginas anteriores, só pode ser devidamente explorada quando subdividida em parcelas menores, assim como um bolo não pode ser comido de uma vez mas repartido em fatias. Vários são os métodos usados para este fim. Comparamos aqui uns três métodos que nos parecem, de início, os mais adequados: os métodos de SHEVKY, ROBSON e EKISTICS. O método de SHEVKY separa e classifica as subáreas urbanas conforme três es-

estruturas básicas, que seriam parâmetros necessários e satisfatórios para medir todas as estruturas sociais urbanas. Estes três esquemas básicos são:

- 1 — nível social { emprego
educação
renda
- 2 — urbanização { fertilidade
mulheres no processo produtivo
residências particulares
- 3 — segregação (não subdividida)

ROBSON, porém, critica este método no seu livro *Urban Analysis*, quando fala sobre a composição dos três esquemas.

"Most of the criticism which has been levelled at the technique relates to the process by which these factors have been derived. The objective may be sound even though the method has been found suspect. To work towards the same end as the SHEVKY analysis while avoiding the weakness of selecting variables on the basis of predetermined deductive theory, the objective statistical means of multivariate analysis obviously meet our requirements.

Whereas the SHEVKY technique selects its constructs, and the variables which compose them, on the basis of possibly suspect theory, multivariate analysis selects its discriminating factors solely on the basis of the intercorrelations of the data itself — and a large body of data at that. Factor analysis and the related technique of component analysis are methods of discovering the structure of a multivariate universe of data revealing the clusters or bundles of closely related elements contained within a matrix of correlation coefficients" (6, págs. 47 e 48).

O nosso propósito é seguir o método de ROBSON, evitando assim as desvantagens do método de SHEVKY. No estudo "intra-city" de Brasília não partiremos de áreas previamente demarcadas, mas sim, por via de análise multivariada, tentaremos descobrir os espaços que surgem naturalmente da correlação e associação de muitos dados. Como em toda pesquisa o conjunto de variáveis tem de ser construído pela experiência de campo

Um bom esquema, e já testado, está sendo usado por vários anos pela equipe de EKISTICS, organizada pelo arquiteto grego DOXIADIS, e que tem sua sede em Atenas, na Grécia (4). Na revista *Ekistic Journal*, toda uma sistemática de variáveis é constantemente aplicada a problemas urbanos atuais. Conforme DOXIADIS, toda cidade deve ser pesquisada do seguinte modo:

- 1 — Ekistic units. Unidades ekísticas.
- 2 — Ekistic elements. Elementos ekísticos.

3 — Ekistic functions. Funções ekísticas.

4 — Evolutionary phases. Fases de evolução.

5 — Factors and disciplines. Fatores e disciplinas.

Todos estes itens são explicados no livro de DOXIADIS *EKISTICS, an Introduction to the Science of Human Settlements* (4). Aplicado a Brasília, poderíamos dizer: Brasília como metrópole (1), composta dos elementos natureza, ser humano, sociedade, moradia e redes (nature, man, society, shells and networks (2), tem uma função política e administrativa de “lugar e ponto central” (Kristaller, 3), que evoluiu, aos poucos, de uma fase inicial, por um período de estagnação, para sua complementação final (4), sujeita a fatores econômicos e sociais que pedem um planejamento e um estudo interdisciplinar (5).

Os *elementos ekísticos*, subdivididos em 4, nos fornecem as variáveis adequadas ao nosso estudo, formando um tipo de “clusters” para todos os fenômenos da cidade moderna. Cada número de *Ekistic Journal* repete este esquema básico, chamado “Ekistic grid index” ou o índice da grade ekística.

Por via de exemplo segue aqui a aplicação do modelo em foco a uma situação de vivência em Brasília e no DF. É evidentemente uma simplificação grosseira, mas pode dar uma idéia da utilidade da grade ekística no estudo pormenorizado posterior.

Os 5 elementos ekísticos são subdivididos em 4 conforme uma palavra-chave. Os sinais de escore são baseados em impressões individuais e subjetivas de satisfação, como já foi feito por JOSÉ PASTORE no seu estudo *Brasília a cidade e o homem*. O sinal + significa positivo, isto é, a cidade tem uma influência positiva ou satisfatória sobre o indivíduo, ela é experimentada como boa e agradável. Usamos também o sinal ±, mais ou menos, como um escore intermediário entre positivo e negativo, porque existem experiências ou vivências mais positivas do que negativas ou o contrário. Portanto:

sinal + significa escore positivo ou uso positivo;

” ± significa escore mais positivo do que negativo;

” = significa mais negativo do que positivo;

” - significa escore negativo.

Existem em todas as sociedades situações que não devem ser consideradas nem totalmente positivas nem totalmente negativas. Estes sinais serão mais tarde, em um estágio posterior, substituídos por coeficientes de correlação ou de associação (17).

Na tabela pode acontecer que um mesmo item tenha dois escores, porque numa cidade-satélite é bem possível que o centro seja mais desenvolvido do que a periferia, o que dá uma satisfação maior ao seu habitante. Vejam-se Tabela I e, no verso, Tabela II, que é um exemplo de uma grade ekística usada pela Escola de Atenas.

Será possível transformar uma Tabela I em coeficientes de correlação, como explicado por ROBSON? (6).

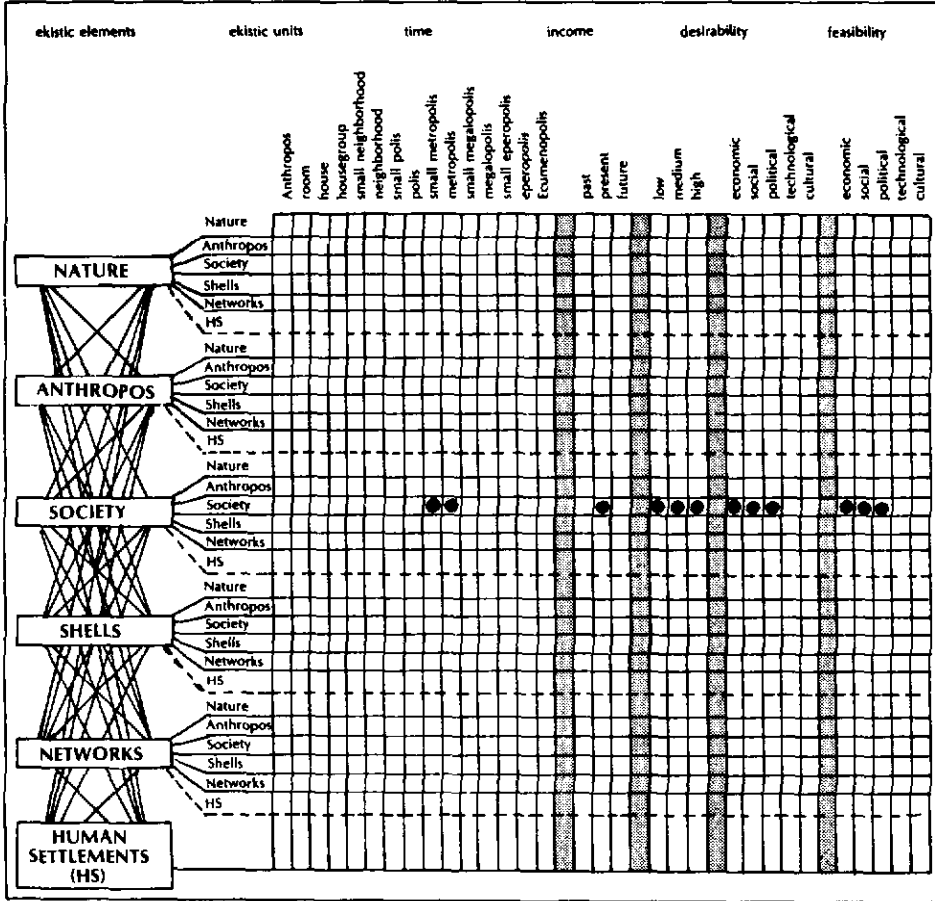
Parece-nos perfeitamente viável testar estas variáveis de EKISTICS numa realidade como Brasília em 1980. Por intermédio de inquéritos e questionários, como aliás já feito por PASTORE em 1968, deve ser possível conhecer o pensamento do brasiliense e do morador das cidades-satélites a respeito das suas impressões. Portanto, uma verdadeira pesquisa de opiniões e atitudes, já bem conhecida na sociologia. O resultado deste inquérito pode, então, ser comparado com dados objetivos de censo ou estatísticas do Anuário Estatístico do DF.

TABELA I

elementos	componentes	Brasília				satélites			
		+	±	≠	-	+	±	≠	-
NATURE	environment	+							-
	nat. resources		±					±	
	land-use, landscape	+						±	
	recreation	+						±	
MAN	survival needs	+				+			
	safety, security	+					±		
	integration		±					±	
	self-realization	+						±	-
SOCIETY	administration	+				+			
	population-trends	+							-
	urbanization	+					±	±	
	economic occupation	+	±					±	-
SHELLS	housing	+					±	±	
	services	+				+			
	factories, offices	+							-
	educational units	+				+			
NETWORKS	water, power, sewage	+					±	±	
	transportation		±	±					-
	communication syst.	+					±		
	modern technology	+						±	
		17	4	1	0	4	5	10	6

TABELA II

The anthropocosmos model
Inadequacies of economic analyses



Adapted version of model for EKISTICS

A lista das variáveis, eventualmente usadas, pode ser substituída por uma outra de PHILIP H. REES, que parece uma combinação de SHEVKY com EKISTICS (veja Tabela 3).

REES fala em "factorial ecology", ou ecologia fatorial, que ele aplica no estudo de áreas sociais (15). A análise fatorial tem muitos seguidores, como, por exemplo, ELI BORUKHOV, YONA GRINSBERG e ELIA WERCZBERGER num estudo da cidade de Tel-Aviv, em Israel, publicado em *Urban Affairs Quarterly*, Vol. 15, nº 2, dezembro de 1979, págs. 182-205, intitulado: "The Social Ecology of Tel-Aviv. A Study in Factor Analysis" (26).

Existem, portanto, suficiente literatura e técnicas a respeito deste assunto, que podem ser aplicadas à realidade de Brasília. Na próxima etapa de nossa pesquisa, executada em Brasília, teremos chance de testar estes métodos.

Table 3. Classification of variables employed in factorial ecology

1. *Socioeconomic Status Variables*

1.1 Population Variables (direct indicators of social status)

1.1.1 Education

1.1.2 Occupation

1.1.3 Income

1.2 Housing Variables (indirect indicators of social status)

1.2.1 Quality

1.2.2 Value of Rent

1.3 Household Material Possessions

1.4 Mixed Population and Housing Variables (for instance, the degree of overcrowding)

2. *Family Status or Life Cycle Stage Variables*

2.1 Population Variables (direct indicators of family status) — the Life Cycle Subset

2.1.1 Age

2.1.2 Family Size

2.1.3 Fertility

2.1.4 Marital Status

2.2 Housing Variables (indirect indicators of family status) — the Urbanization Subset

2.2.1 Type

2.2.2 Age

3. *Ethnicity or Minority Group Status Variables*

3.1 Racial Group

3.2 Nativity Group

3.2.1 National Group

3.3 Linguistic Group

3.4 Regional (Migrant) Group

4. *Change and Mobility Variables*

4.1 Mobility

4.1.1 Movement Rates

4.1.2 Movement Classified by Origin or Destination

4.2 Population Change

5. *Scale Variables*

5.1 Population

5.2 Area

5.3 Population Density (may act as indirect family status indicator)

5.4 Locational Measures (may act as indirect family status indicator, e.g., distance from city center)

6. *Health, Welfare, and Social Problems*

6.1 Mental Health

6.2 Physical Health

6.3 Welfare

6.4 Crime and Delinquency

6.5 School Population Statistics

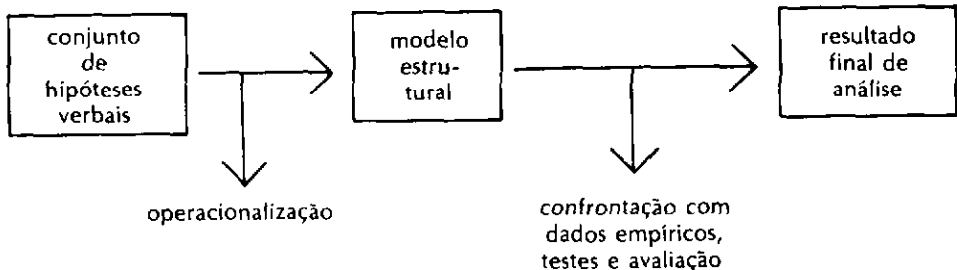
(These are usually local government statistics)

7. *Other Variables*

A number other variables such as commuting statistics or land-use measures have been included in factorial ecologies.

IV — *Avaliação de Brasília como espaço social depois de 20 anos de desenvolvimento. Perguntas e sugestões*

Uma avaliação neste estágio de pesquisa só pode ser provisória. Trabalhamos conforme o esquema indicado em *Metodologia de Pesquisa. B. Métodos e Técnicas*, publicação do Instituto de Sociologia da Universidade de Nijmegen (9). Geralmente procura-se seguir na análise de multivariação o seguinte esquema:



Como pode ser constatado, nas Partes I e II foi formulada uma série de hipóteses verbais, das quais surgiu um modelo estrutural de pesquisa na Parte III. O resultado final de análise só surgirá depois da confrontação com os dados empíricos a serem recolhidos numa etapa posterior em Brasília mesma. Por enquanto nos limitamos a uma avaliação vivencial baseada em dez anos de residência na nova Capital desde 1970, uma espécie de avaliação participante. Nossa experiência de dez anos de observação nos leva à conclusão de que o que falta em Brasília é: *desenvolvimento comunitário e planejamento espacial*. Estes dois conceitos, muito em evidência na sociologia urbana atual, necessitam de alguma explicação. Usamos para este fim a publicação do Dr. GUFFENS, nosso promotor, e outros livros de data recente (16 e 10).

Desenvolvimento comunitário e planejamento espacial

A finalidade de *desenvolvimento comunitário* (community building) é: "um conjunto de atividades que visam ao funcionamento melhor de uma comunidade com a finalidade do bem-estar dos membros desta comunidade. Como ponto essencial se ressalta a participação dos cidadãos na promoção do bem-estar da comunidade" (GUFFENS, 16).

O *planejamento espacial*, muito ligado à organização espacial, mas não sinônimo, significa conforme DRORS: "o processo preparatório de uma série de decisões de ação futura para conseguir os fins com os meios adequados. Planejamento (planning) é mais do que um saber abstrato, é também um saber prático como, por exemplo, a Medicina. O planejamento espacial ou regional é, portanto, um processo de organização ou ordenação futura do meio ambiente espacial. Se planejamento espacial significa processo de preparação, ordenação espacial significa execução de decisões. Tanto para a Sociologia como ciência abstrata ou teórica, como também para o planejamento espacial (o saber prático, que usa as contribuições da Sociologia), a organização espacial é somente relevante quando procura aplicar na prática as decisões tomadas como um verdadeiro "feedback" para o conhecimento experimental" (10, *pág.* 87).

Segundo nossa experiência nestes últimos 20 anos, não se deu a devida atenção ao desenvolvimento comunitário de Brasília e à sua organização espacial, como prolongamento do planejamento espacial. Que o resultado possa ser uma situação de conflito e alienação é óbvio (16).

Em que se baseia esta falta de desenvolvimento comunitário e de ordenação espacial de Brasília?

Na construção de Brasília houve, evidentemente, preocupação com um bom uso do espaço e um sadio desenvolvimento da vida comunitária. A cidade não devia ser somente um monumento mas também exemplo de uma comunidade urbana nova, diferente de todas as outras cidades brasileiras.

Ao nosso ver, apesar dos planos, este novo tipo de comunidade não se desenvolveu bem no DF, nem no Plano Piloto, nem nas cidades-satélites. EPSTEIN, no seu livro *Brasilia, Plan and Reality* (11), atribui este fracasso à economia de dependência, teoria de A. GUNDE FRANK. Aplicando esta teoria a Brasília, ele coloca a cidade nova no quadro mais amplo de urbanização no terceiro mundo, dependente da economia capitalista do Ocidente industrializado. Brasília e as cidades-satélites apresentam os mesmos problemas de urbanização como no resto do terceiro mundo, afirma o autor.

"In the case of Brasilia, there may be found on the level of the national and international stratification systems patterns of interests, practices and ideology which determined many of the features of the architectural plan and its execution, including the following: (a) the monumentalist emphasis on dramatic architecture and broad vistas; (b) the favoring of automotive circulation in spite of the fact that cars remain a luxury for the vast majority of the Brazilian population; (c) only cursory attention being paid to the needs and desires of the first residents (the construction workers) and to the lower-class residents in general; (d) the nondevelopmental, static, or skeletal character of the plan, expressed as a final output rather than a process of growth which at all stages would involve human lives; (e) the necessity, given political practice prevailing in Brazil, of finishing the city according to plan within a three-year period (Kubitschek's Presidential mandate) if it was not to be later abandoned; (f) the centralized character of the planning and execution processes themselves with no provision for consultation or participation by any but upper-level technical and political personnel. Moreover, the central fact of in-migration, its scope and direction, arose and persisted as a consequence of the polarization of Brazilian society between city and country" (11, págs. 175/176).

Agora em 1980 Brasília parece algo diferente das conclusões de EPSTEIN no último capítulo de seu livro sobre Brasília de 1968 (Chapter VI, *Brasilia in Context*).

Um dos fatores principais dos problemas urbanos de Brasília é sem dúvida, além daqueles enumerados por EPSTEIN, o fraco desenvolvimento e a pouca atenção dispensada às unidades residenciais. Tanto o Plano Piloto como as cidades-satélites são organizados em quadras, conjuntos ou lotes, portanto, uma divisão e delimitação espacial pronta e feita. Sem maiores transtornos, um melhor aproveitamento dos espaços criados seria perfeitamente viável.

De todos os lados surgem teorias que afirmam que a metrópole moderna é incontrollável, à beira do colapso econômico e social, um sistema falido etc. A cidade moderna se encontra em crise (2 e 3).

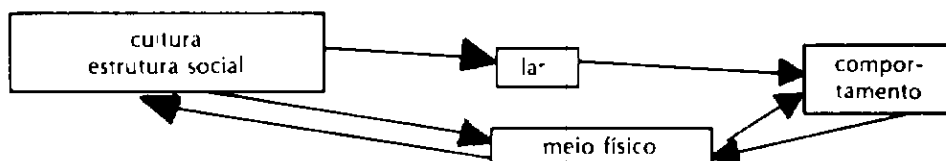
Será que Brasília tem de seguir o mesmo caminho? Não necessariamente. Em Brasília se fez planejamento espacial, sem dúvida, *mas*

não um planejamento "social". Falta o enfoque social. Quanto a isso GRUNFELD e STOPPELENBURG escrevem:

"Um planejamento espacial de enfoque social (10) quer de fato cumprir uma função de servir, isto é, criar de tal forma condições ambientais físicas e sociais que tanto os indivíduos como os grupos consigam desenvolver-se do modo mais livre possível, sem que isso conduza a privação e prejuízo para outros grupos. Sabemos que os defensores do modelo do conflito argumentam: que um tal objetivo é irreal, porque definem todo tipo de desenvolvimento social em termos de luta pelo poder. Quando se parte deste ponto de vista, somente a ciência política tem de dar uma contribuição e não a sociologia."

Como já foi frisado nas partes anteriores, queremos evitar, ao máximo, partir de teorias preconcebidas na explicação de Brasília. Pelos fatos podemos constatar que houve, desde o começo, uma ordenação espacial, mas ao nosso ver as quadras, conjuntos e lotes não chegaram a um planejamento verdadeiramente social, que possa eventualmente resolver uma série de necessidades sociais existentes na Brasília de 1980.

O que se manifesta na vida comunitária ou social é um comportamento, baseado em atitudes e valores. Este comportamento é resultado de uma série de fatores que funcionam conforme o seguinte esquema:

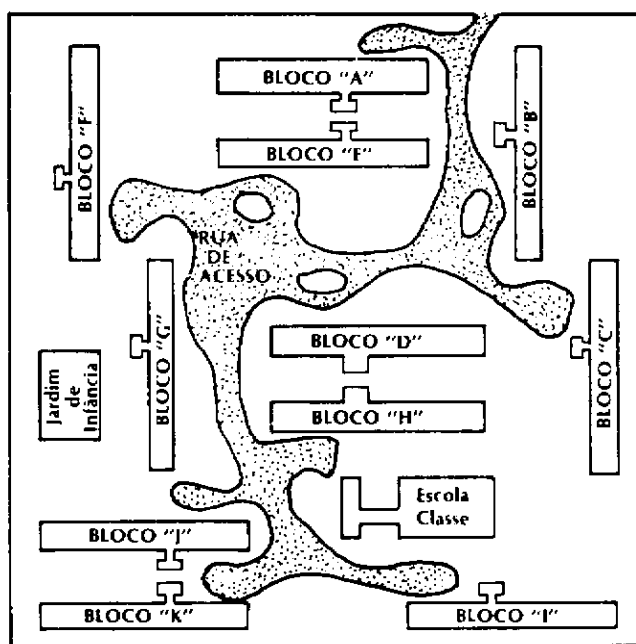


Cultura e estrutura social se transformam em comportamento individual pelo lar e pelo meio físico. O lar e o meio físico dão um colorido próprio à cultura e estrutura social. Daí resulta a importância destes dois fatores para o indivíduo. É no bairro, na casa, na rua, na vizinhança que o lar e o meio físico funcionam com maior penetração. O ambiente natural e a família marcam profundamente o indivíduo. Embora a cidade grande tenha enfraquecido estes laços, porque mudou muito o raio de ação do indivíduo pelo transporte, pelo divertimento e pelo mercado de trabalho, não é sem fundamento que BRIAN BERRY contesta o desaparecimento de quaisquer laços, afirmando que a influência da vizinhança e do bairro continua firme (8). Não é surpresa que esteja surgindo um movimento de "revitalização da vizinhança". E o número 4, de outubro de 1979, vol. 45, da revista americana *Journal of the American Planning Association* é inteiramente dedicado a "Neighborhood Revitalization". A idéia de comunidade de vizinhança, como organização descentralizadora e autônoma, é nada estranha apesar dos perigos, como explicado no livro de GRUNFELD e STOPPELENBURG (10). Os grandes problemas nacionais de inflação, desemprego, má distribuição de renda não serão resolvidos neste nível de bairro ou vizinhança, porque atingem a nação toda, mas muitos

dos problemas cotidianos, que escapam a um governo do Distrito Federal ou que ficam obstruídos na máquina burocrática, podem ser resolvidos em nível comunitário. Temos exemplos em Brasília com as prefeituras de quadras, que estão surgindo no Plano Piloto, como em outros países, como a China (24).

Uma pesquisa de avaliação poderia dizer quais os pontos positivos ou negativos. Nas cidades-satélites muita coisa de saneamento, de assistência, de mudança de ambiente e proteção aos moradores, de limpeza e jardinagem poderia ser feita em nível comunitário, se houvesse uma educação para tanto.

SUPERQUADRA — SQ



Uma quadra como esta mostra como os setores habitacionais formam espaços bem definidos e organizados, onde será perfeitamente possível formar comunidades locais

De propósito nos perguntamos se uma comunidade em nível de vizinhança pode fazer algo para a subsistência ou auto-sustento, especialmente entre as faixas mais pobres da população. Procuramos exemplos de movimentos parecidos em outros países em desenvolvimento ou desenvolvidos. Achamos apoio em dois artigos recentes, um na revista alemã *Bauwelt*, de 30 de março de 1979, de EKHART HAHN, onde o autor escreve sobre a China atual: "China Heut — Tendenzen und Entwicklungen in Städtebau und Stadtpolitik" (A China hoje — ten-

dências e desenvolvimentos na construção e política urbana); o outro artigo encontramos na revista grega *Ekistics*, nº 278, set./out. 1979, de Aditya Prakash, da Índia: "Human settlements: a self-sustaining approach" (Povoações humanas: um caminho de auto-sustento). Futuramente tentaremos resumir estas experiências num próximo trabalho. Somente algumas idéias.

Aditya Prakash:

"It is quite true that man has always tended to disturb the balance of nature. For a long time in human history, the quantum of disturbance being small, and the population to land ratio being large, nature has been able to adjust the imbalance. But the industrial civilization has tended to upset the balance so much that the life on earth has approached the threshold of a major man-made catastrophe (25).

It is high time that we take a look at the fundamentals of human settlements, and evolve a system whereby we can live a rewarding life of happiness and prosperity making the best use of the knowledge that man has acquired. Happiness for all can only be had by ensuring "plenty" for all, and by ensuring minimum "waste". This can only be done by creating units of living in which each resource is to put to maximum "productive" use and "cycled" for reuse to the extent our present knowledge permits. The unit has to be of human comprehension so that it does not become abstract or dehumanized like in a vast industrial empire."

Na China estão tentando exatamente isso em redor dos grandes centros urbanos, como explica **EKHART HAHN** em seu artigo. A todo custo tentam-se evitar os erros mais comuns, que são:

1 — burocratização e alienação, que levam à perda de contato direto do indivíduo com seu ambiente social, espacial e natural, portanto seu ambiente vivencial.

2 — alienação do meio ambiente, que leva à redução total das relações ambientais diretas e ausência de responsabilidade individual pelas condições naturais de vida.

Para conseguir uma integração maior, urge: a emancipação da mulher como membro ativo e produtivo da comunidade local e regional. Ela não é só dona de casa, mas participante ativa na organização da comunidade de vizinhança (24).

Todo este trabalho comunitário deve ser, de início, uma constante campanha de conscientização. Em Brasília não há nenhuma necessidade de mudanças nos espaços urbanos. Os espaços habitacionais estão prontos. Falta somente a implantação de sistemas de mutirão, cooperativismo etc., em nível de quadra, conjunto e lote. Não nos enganamos na dificuldade do processo de aglutinação e conscientização. O Dr. **GUFFENS**, no seu livro *Desenvolvimento Comunitário. Ordenação Espacial e Alienação*, dá uma idéia da magnitude do empreendimento e

das dificuldades no caminho. Fala ele em obstáculos de comportamento, de posição e de participação. Mesmo assim estamos convencidos que por meio de informação, esclarecimento e capacidade técnica haveria possibilidade de iniciar este processo, evidentemente com o pleno apoio do governo do DF. Num próximo trabalho teremos oportunidade de descrever um tal processo em detalhes (16).

Conclusão

Procuramos, constantemente, ficar fiéis ao enfoque: Brasília como espaço social. As vezes se torna difícil saber em que campo de sociologia estamos operando, ou no campo da sociologia ou no campo da geografia social.

Mas isto parece um mal menor, porque ambas as ciências se completam neste assunto. No "Pro-Seminar" já ouvimos várias vezes: "O aspecto morfológico se aproxima muito do aspecto geográfico". E o seminário a que assistimos na Universidade de Nijmegen durante o ano letivo de 1979/1980, como bolsista do CNPq, fortaleceu, mais ainda, esta opção pela cidade como espaço social. Procuramos explicar e entender melhor a nova Capital do Brasil após 20 anos de existência, indiscutivelmente um espaço social, onde uma sociedade procura plasmar um novo ambiente humano, adequado a um país em desenvolvimento do tamanho do Brasil.

NOTAS

- 1 — GUFFENS, Th. M. G. — *Maatschappij onder de Microscop*. Van Gorcum, Assen, 1971.
- 2 — HARVEY, David — *Social Justice and the City*. Edward Arnold, London, 1973.
- 3 — CASTELLS, Manuel — *The Urban Question. A Marxist Approach*. Edward Arnold, London, 1977.
- 4 — DOXIADIS, Constantinos A. — *EKISTICS, an introduction to the science of Human Settlements*. Hutchinson of London, 1968.
- 5 — BAYER, Glenn, H. ed. — *The Urban Explosion in Latin America. A Continent in process of modernization*. Cornell University Press, N.Y., 1967.
- 6 — ROBSON, B. T. — *Urban Analysis. A study of city structure with special reference to Sunderland*. University Press, Cambridge, 1971.
- 7 — FRIEDMANN, John and WULFF, Robert — *The Urban Transition. Comparative studies of newly industrializing societies*. Edward Arnold, London, 1976.
- 8 — BERRY, B. J. L. — *The Human Consequences of Urbanisation. Divergent Paths in the Urban Experience of the Twentieth Century*. St. Martin's Press, New York, 1973.
- 9 — ALBINSKI, Beker, Geurts, Hüttner, Lammers, Wester — *Methoden van Onderzoek B. Afdeling Methoden en Technieken*. Sociologisch Instituut, Nijmegen, Mei 1976 (dictaat).

- 10 — GRUNFELD, F. en Stoppelenburg, P. — *Sociologie en ruimtelijke planning*. Vuga-Boekertj. 's Gravanhage, 1979, 91 pág.
- 11 — EPSTEIN, David, G. — *Brasilia, Plan and Reality. A study of planned and spontaneous urban development*. Un. of California Press, 1973, 206. pág.
- 12 — GUFFENS Th., e.a. — *De Ruwaard nu en Ussen straks. Globale planbeoordeling met speciale aandacht voor woonomgeving met gemengd karakter. Zaalenquete middels audio-visuele presentatie. Vakgroep urbane en rurale sociologie*. Un. Nijmegen, Jan., 1979.
- 13 — RIBEIRO, Darcy — *Os Brasileiros: 1. Teoria do Brasil. Economisch-sociale vormgevingen, historisch-sociale configuraties, politieke ordening en kulturele alienatie*. Vozes, Petrópolis, 1978, 4e editie.
- 14 — KORTHALS, Michiel en KUNNEMAN, Harry — *Arbeid en Interaktie*. Coutinho, Mulderberg, 1980.
- 15 — BERRY, J. L. Berry and SMITH, K. Ed. — *City Classification Handbook: Methods and Applications*. Vooral: Chapter 10. "Social Areas", van Philip H. Rees, págs. 274-331. Wiley Interscience. New York. 1972.
- 16 — GUFFENS, Th. M. G. — *Samenlevingsopbouw, ruimtelijke ordening en vervreemding*. Mimocahier 16, Van Loghum-Slaterus, Deventer, 1975.
- 17 — SWANBORN, P. G. — *Aspecten van Sociologisch Onderzoek*. Boom. Meppel, 6 de Druk, 1979.
- 18 — BRIAN, J. L. Berry and HORTON, F. E. — *Geographic perspectives on Urban Systems*. With integrated readings. Vooral: Chapter 10. Concepts of Social Space: toward an urban social geography, van Philip Rees, págs. 306-395, Prentice, 1960.
- 19 — VAN GINKEL, J. Verkoren, O. Milk, G. De Rijk, G. Veldman, J. — *Zicht op de stad. Sociaal-geografische Beschouwingen over steden en steden-groei*. Serie: De Wereld in Stukken. Romm-Bussum, 1977. Vooral: Deel II. Steden in Ontwikkelingslanden, van van Ginkel en Verkoren.
- 20 — HARVEY, David — *Uitbutting en de stad. Ekologische Uitgevertj*. Amsterdam, 1975.
- 21 — MELLOR, J. R. — *Urban Sociology in an Urbanized Society*. Routledge and Kegan, London, 1977. Vooral: Chapter 4. The practice of Planning en Chapter 6. The Chicago School: Urban experience.
- 22 — BUIKS, Peter en VAN TILLO, Gerard, e.a. — *Het Sociologisch Perspectief*. Van Gorcum, Assen, 1980.
- 23 — FRIEDRICHS, Jürgen — *Stadtanalyse. Soziale und raumliche Organisation der Gesellschaft*. Rowohlt, Hamburg, 1977.
- 24 — BAUWELT, Ausgabe A. — *Stadtbauwelt*. 30 Marz, 1979. — EKHART HAHN — *China Heute — Tendenzen und Entwicklungen in Stadtebau und Stadtpolitik*, págs. 30-414/42-426.
- 25 — EKISTICS, 278, Sept./Oct. 1979. Aditya Prakash — *Human Settlements: a self-sustaining approach*, págs. 305/313.
- 26 — *Urban Affairs Quarterly*. Vol. 15, nº 2, December, 1979. The Social Ecology of Tel-Aviv. A Study in Factor Analysis. E. Borukhov, Y. Ginsberg and E. Werczberger. págs. 183/205.